

**ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A ESPORTIVIZAÇÃO:
ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DA JUVENTUDE
SKATISTA NO BRASIL**

Leonardo Brandão¹

União Educacional Sulmatogrossense/ UNES

Dourados/MS, Brasil

brandaoleonardo@uol.om.br

Recebido em 15 de setembro de 2008

Aprovado em 24 de novembro de 2008

Resumo

Considerando o esporte como assunto historiográfico e pertinente para se entender questões relacionadas à cultura e às práticas sociais, este artigo explora elementos da esportivização e marginalização do skate – pensado como um esporte radical e jovem no Brasil. Fruto de uma dissertação de Mestrado em História defendida na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) em janeiro de 2007, a proposta parte da lógica de uma História do Tempo Presente e investiga transformações compreendidas entre as décadas de 60 e 80 do século passado, período que inclui tanto a introdução da prática do skate no país quanto sua proibição pela prefeitura de São Paulo. Por ser uma pesquisa apoiada em referenciais da História Cultural, utiliza-se uma série de revistas, cartas e depoimentos para compreender as representações dos skatistas no espaço urbano, buscando também interpretar a associação entre esta atividade e a cultura punk.

Palavras-chave: juventude skatista; espaço urbano; punk.

Abstract

Between marginalization and sportivization: elements for a history of the youth skater in Brazil

Considering the sport as a matter historiographic and relevant to understand issues related to culture and social practices, this article explores elements of sportivization and marginalization of the skateboard - designed as a extreme sport and young in Brazil. Fruit of a dissertation in History held at the Federal University of Great

¹. Leonardo Brandão é Bacharel em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Professor de Ensino Superior na UNES (União Educacional Sulmatogrossense), professor substituto na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) e UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul).

Dourados (UFGD) in January 2007, the proposal part of the logic of a History of Time Present and investigates changes between the decades of 60 and 80 of the last century, period that includes both the introduction of the practice of skateboard in the country as its ban by the city of Sao Paulo. Being a search based on benchmarks of Cultural History, she uses is a series of journals, letters and testimonials to understand the representations of skaters in the urban space, seeking also interpret the association between this activity and punk culture.

Keywords: youth skater; urban space; punk.

INTRODUÇÃO

Aos historiadores do esporte e do lazer cabe a tarefa difícil de dar visibilidade e reconhecimento a esta área de pesquisa histórica.
Edgar De Decca

Há mais de dez anos o historiador Edgar De Decca (1997) apontava a dificuldade de se levar adiante, no Brasil, pesquisas relacionadas à história do esporte. Passado o tempo, se hoje o quadro ainda não é completamente outro, não se pode negar que houve avanços significativos e um grande empenho, por parte de vários pesquisadores, em demonstrar o valor de se investir em pesquisas que caminhem na interface entre história, sociedade e esporte.

Em termos estatísticos, a quantidade de praticantes de atividades físicas de caráter esportivo vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas. Segundo a pesquisadora Sophie Body-Gendrot (1995, p. 559), entre 1960 e 1980, o número de americanos que praticam um esporte passou de 50 para 100 milhões. Em função desse fenômeno universalmente crescente e economicamente em expansão, muitos historiadores passaram a estudar com maior intensidade as manifestações esportivas a partir das contribuições teóricas de alguns pensadores, em especial as de Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Norbert Elias. Como assegura Peter Burke (2005, p. 78), as obras desses quatro estudiosos, somadas às contribuições de

Roger Chartier à historiografia, sobretudo suas elaborações complementares às noções de “práticas” e “representações”, propiciaram a abertura de um novo caminho a ser trilhado, não simplesmente o da História dos Esportes, mas também o das práticas que fundamentam essas atividades.

No Brasil, nomes reconhecidos da vida acadêmica vêm apresentando preocupações no sentido de se prestar maior atenção às atividades esportivas. Para o professor de História da USP, Flávio de Campos, a dimensão social que os esportes assumiram nos últimos anos, e em especial nos dias atuais, fornece “uma chave interpretativa extremamente fecunda para a análise das mais diversas formações sociais”². Para a historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna, mais do que simples exercícios físicos, as manifestações esportivas são representativas de um certo sentido histórico e comportamental, ligando-se a inúmeras esferas da vida cotidiana. Em suas palavras, “examinar o esporte, nas suas formas insólitas ou clássicas, implica penetrar na compreensão das expectativas e dos fascínios de uma determinada cultura” (SANT’ANNA, 2000, p. 21).

O fato é que a produção acadêmica sobre assuntos relacionados aos esportes vem crescendo no país nos últimos anos, perfazendo um novo domínio³ na historiografia. De acordo com Luiz Carlos Ribeiro e Victor Andrade de Melo, “a consolidação de grupos de estudos especializados (GT’s), o aumento de pesquisas e publicações a partir de programas de pós-graduação da área das humanidades demonstra bem essa potencialidade”⁴. Segundo esses pesquisadores, a importância do esporte para uma melhor compreensão da sociedade em geral foi recentemente reconhecida pela

². Folha de São Paulo, Caderno Mais! 08/08/2004, p. 03.

³. Entende-se por domínio as áreas de concentração em torno de certas temáticas e objetos possíveis. BARROS, José D’ Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

⁴. http://snh2007.anpuh.org/simposio/view?ID_SIMPOSIO=13, acesso em 09/02/2008.

ANPUH/Nacional, que sugeriu ao CNPq a inclusão da “História do Esporte” como uma nova área de conhecimentos.

Motivado por essa consolidação dos esportes enquanto assunto historiográfico no Brasil, este artigo tem a intenção de tanto promover uma reflexão sobre a mutação dos esportes na contemporaneidade – os chamados esportes radicais - quanto divulgar conhecimentos já produzidos acerca de algumas problemáticas que envolvem tais objetos, em especial, a prática do skate de rua, denominado *streetskate*.

OS ESPORTES RADICAIS E A INTRODUÇÃO DO SKATE NO BRASIL

Desde o final da década de 1970, algumas manifestações esportivas – que acabaram sendo denominadas pela mídia como “esportes radicais” - passaram a ganhar espaço em muitos países ao propor atividades diferenciadas dos esportes olímpicos atuais. Segundo uma revista norte-americana, a *Times Magazine*⁵, algumas estatísticas demonstram uma queda na prática dos esportes olímpicos e um vigoroso aumento em esportes considerados radicais.

Ao indagarem o surgimento de tantas modalidades esportivas que são incorporadas à terminologia de esportes radicais, José Roberto Cantorani e Luiz Alberto Pilatti, defenderam a hipótese de que se os esportes são um meio de se escapar da pressão comportamental imposta pela sociedade, os esportes radicais talvez tenham se proliferado por se apresentarem como um meio de se escapar da ordem imposta pelo próprio esporte (CANTORANI ; PILATTI, 2001). Deste modo, atividades como *surf*, *bike*, *snowboard*, *rapel*, *rafting*, *bungee jump*, *trekking*, *wakeboard*, *wind surf*, *skate*,

⁵. *Times Magazine*, setembro de 1999, p. 06.

roller e *vôo livre* - os quais figuram como os exemplos mais conhecidos e de maior popularidade - trariam não só uma proposta diferenciada de exercícios físicos, mas uma própria mudança no que se convencionou a classificar como “esporte”.

Christian Pociello (1995), professor da Universidade de Paris e diretor do *Centre de Recherches sur la Culture Sportive*, afirma que os esportes radicais representam uma mudança no registro das práticas culturais normalmente incluídas entre os exercícios físicos de caráter esportivo. De acordo com este autor, em primeiro lugar pode-se notar uma tendência à estetização e produção de novos gestos e investimentos corporais, individualizando os comportamentos em oposição aos esportes de jogo coletivo. Além disso, observa Pociello que essas atividades também requerem novos espaços de exercício, os quais não correspondem aos tradicionalmente elaborados para a prática esportiva. Para o autor, “a hábil pilotagem dessas máquinas, como o surf, o skate, pranchas, asas deltas e caiaques, produz novos gestos acrobáticos ou aéreos, permite a exploração de novas energias, busca novas sensações e abre novos espaços de jogos” (POCIELLO, 1995, p. 117).

Como também afirma o professor da Universidade Católica de Brasília, Alfredo Feres Neto, outro pesquisador atento aos estudos sobre as práticas esportivas, essa radicalidade “desafia os tradicionais critérios utilizados para conceituar esta manifestação da cultura, ou seja, nem sempre os esportes radicais apresentam as mesmas características dos esportes tradicionais” (NETO, 2001, p. 70). Segundo este autor argumenta em sua tese de doutoramento (NETO, 2001b), o esporte atualmente tornou-se polissêmico e passou a designar uma variedade de atividades que não atendem mais somente aos critérios da competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde.

Dentre os esportes praticados no Brasil, não há dúvida de que o futebol é líder incontestado em popularidade e em número de adeptos. No entanto, o skate, que é um esporte surgido nos Estados Unidos da América na primeira metade do século passado, e que teve sua introdução no Brasil durante o início da Ditadura Militar, acabou por despertar a atenção por propor atividades diferenciadas dos esportes mais tradicionais (BRANDÃO, 2007). No ano de 2002, uma pesquisa realizada pela Datafolha revelou ser o skate um dos esportes mais praticados no país, com mais de 2,7 milhões de adeptos⁶. Na cidade de São Paulo, por exemplo, sua popularidade levou até a existência do dia do skate (03 de agosto), conforme lei proposta pelo Deputado Estadual Alberto Hiar⁷.

A partir do final da década de 1970, o skate começou o seu processo de esportivização no Brasil, sinalizado pelo surgimento de campeonatos amadores e profissionais que envolveram tanto a formação de circuitos estaduais e nacionais, quanto a constituição de associações e, posteriormente, de uma confederação de skate, a CBSK. Objeto de filmes⁸, programas de televisão⁹, revistas esportivas¹⁰, livros¹¹, sites na Internet¹² e tema em diversos produtos destinado ao público jovem, como roupas, capas de caderno e campanhas publicitárias, o skate vem consolidando-se no Brasil

⁶. Folha de São Paulo (Folhinha) – 15/06/2003.

⁷. Revista *100%Skate*, nº 79, 2004, p. 86.

⁸. Como exemplo, foi lançado em 2003 o longa-metragem *Grind*, que narra as aventuras de quatro jovens (interpretados por *Mike Vogel*, *Vince Vieluf*, *Adam Brody* e *Joey Kern*) em Chicago/EUA, que buscam espaço no mundo disputado do skate profissional. *Grind* foi dirigido por *Casey La Scala* e produzido por *Gaylord Films* e *Gerber Pictures*.

⁹. Como exemplo, ver o programa *SKTV*, da rede Cultura, exibido quinzenalmente aos sábados às 10h:30min.

¹⁰. Atualmente existem três revistas, de distribuição nacional, que tem por foco principal a prática do skate, são elas: *100%Skate*, *TriboSkate* e *SKT*.

¹¹. Como exemplo, ver, entre outros: BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000. UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.

¹². São inúmeros os sites dedicados ao skate na Internet. Como exemplo, ver: www.skatecultura.com; www.triboskate.com.br ou www.cemporcentoskate.com.br.

como uma atividade de lazer jovem, impulsionada pela indústria cultural, mas sendo geralmente praticado por uma camada menos favorecida economicamente.

Embora essa popularização aponte um futuro promissor para o skate, inclusive com uma possível inserção no rol das atividades olímpicas¹³, seu passado no Brasil revela outras histórias que, além de se “repetirem” atualmente, também ajudaram a caracterizar o skate como uma prática marginal, que envolve jovens drogados ou de caráter desviante. Essa ambigüidade do skate, que transita tanto pelo reconhecimento esportivo quanto pela marginalização, tem seu fundamento na própria história dessa prática no país, em especial, no desenvolvimento de uma modalidade denominada skate de rua (*streetskate*).

ENTRE A MARGINALIZAÇÃO E A ESPORTIVIZAÇÃO

Nos Estados Unidos da América, skate é chamado de *skateboard*, expressão que se traduzida em sua forma literal para o português possivelmente venha a significar algo como “tábua com rodas”. De início, a prática do skate se desenvolve neste país; principalmente em seu Estado da Califórnia, para depois despontar, anos mais tarde, em outras partes do mundo.

Segundo *Michael Brooke* (1999), os primórdios do skate estão associados às *scooters*, caixas de laranja fixadas a uma madeira com rodas e que serviam como meio de locomoção entre os jovens estadunidenses no início do século passado. Um outro pesquisador norte-americano, *Rhyn Noll* (2000), afirma em seu livro “*Skateboard retrospective*” que o primeiro skate foi patenteado em 1939, contando com um *shape*

¹³. O COI (Comitê Olímpico Internacional), promotor dos jogos olímpicos, já expressou o desejo de ter o skate como uma modalidade olímpica, encaixado na UCI (Federação Internacional do Ciclismo). Fonte: <http://esportes.dgabc.com.br/materia.asp?materia=603874>, acesso em 09/02/2008.

(prancha de madeira), quatro rodas e dois eixos. A descoberta de *Rhyn Noll* fornece um tempo de existência ao skate que já passa de meio século, o que não significa, bem entendido, que ele era uma prática constante entre os jovens do período, pois existe um hiato significativo entre este período do skate e seu desenvolvimento esportivo, que passa a acontecer com maior intensidade durante a os anos de 1970.

A partir desse período a tecnologia passa a ser uma aliada muito mais significativa na evolução maquínica do skate. Alexandre Vianna, jornalista responsável por uma revista de skate brasileira, a *100% Skate*, escreveu recentemente que a tecnologia “foi necessária para impulsionar as manobras na história do skate”¹⁴. Assim, a grande transformação nesta prática ocorre somente em 1972, com a adaptação e introdução do poliuretano na construção das rodas de skate¹⁵, as quais antes eram produzidas somente com borracha, ferro ou argila. Essa nova tecnologia acarretou uma reviravolta na história dessa atividade, pois com o poliuretano os skates passaram a ser mais velozes e aderentes ao asfalto, conquistando rapidamente um maior número de adeptos, o que possibilitou o aparecimento de inúmeras manobras. O resultado foi a criação de campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas. Cesinha Chaves, skatista responsável por um *site* dedicado exclusivamente ao skate no Brasil, argumenta que após esse feito, realizado pelo engenheiro químico *Frank Nasworthy*, aconteceu uma verdadeira revolução nesta prática¹⁶.

Prova disso é a publicação, ainda na década de 70 - mas em anos posteriores a 1972 - de dois livros sobre skate que ambicionavam ensinar principiantes a se

¹⁴. Revista *100% Skate*, nº 97, abril de 2006, p.114.

¹⁵. Segundo os estudos de Ademir Gebara e Tony Honorato, a introdução do poliuretano nas rodas de skate encadeou o aquecimento das vendas e fez aparecer novas marcas no mercado, como a *Cadillac Wheels*. Segundo eles, marcas que eram tradicionalmente de patim, como a *Benett* e a *Tracker*, começaram a fabricar peças especificamente para o mercado do skate. GEBARA, Ademir & HONORATO, Tony. Esportes Radicais e Tecnologização. In: *3º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da Unimep/2004*. Anais-Cdrom – 09 a 12 de Junho de 2004.

¹⁶. www.brasilskate.com – acesso em 08/09/05.

movimentarem nesta atividade. Livros com essa temática só teriam justificativa para existir se houvesse, realmente, uma perspectiva de grande demanda, ou seja, não seriam publicados livros ensinando a praticar skate se não houvesse uma boa quantidade de pessoas querendo aprender. Assim, em 1975, *Russ Howell* lança “Skateboard: techniques, safety, maintenance”¹⁷, e em 1976, *Ben Davidson* publica “The skateboard book”¹⁸, ambos livros que objetivam levar aos novos adeptos ensinamentos como, por exemplo, um melhor posicionamento corporal em cima do skate, formas de não sofrer lesões em quedas e dicas sobre manobras básicas.

O skate foi uma imensa novidade para muitos jovens americanos da década de 70 do século passado. Fábio Bolota, jornalista especializado em matérias sobre skate no Brasil, chega a afirmar que

A década de 70 foi marcada pelos primeiros passos, descobertas e aprimoramentos de manobras no skate. Por isso, pode-se dizer que os primeiros skatistas foram os verdadeiros “desbravadores”, como se fossem um Cristóvão Colombo ou Pedro Álvares Cabral do esporte. Tarefa nada fácil, afinal, as referências para evoluir eram mínimas, os materiais limitados e as técnicas teriam que ser exploradas simplesmente por instinto. Era certamente um esporte novo no país e no mundo¹⁹.

De acordo com a primeira parte do livro “A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil”, escrita por César Augusto Diniz Chaves Filho (2000) ou simplesmente Cesinha Chaves, como é mais conhecido, o skate chegou ao Brasil através de alguns surfistas cariocas ainda no final da década de 60, que o descobriram em anúncios veiculados por uma revista norte-americana chamada *Surfer*. Ainda na década de 60, como informa Cesinha Chaves, o skate era mais conhecido como “surfinho”, pois havia uma grande associação entre essa prática e a do surf. Em uma entrevista à revista *Tribo Skate*, o próprio Chaves, que começou a praticar skate no ano de 1968 no Rio de Janeiro,

¹⁷. RUSS, Howell. *Skateboard: techniques, safety, maintenance*. Sydney: Ure Smith, 1975.

¹⁸. BEN, Davidson. *The skateboard book*. New York: Grosset & Dunlap, 1976.

¹⁹. Revista *Tribo Skate*, n. 50, 1999, p. 42.

comenta que as únicas referências que os cariocas tinham eram as revistas norte-americanas de surf, como a *Surfer* e a *Surfing*, nas quais o skate aparecia muito timidamente, geralmente em anúncios de uma loja chamada *Val Surf*.

No início, como não havia skates – ou surfinhos – para vender no Brasil, os cariocas o improvisavam arrancando os eixos e rodas dos patins e os fixando numa madeira qualquer, cortando-a no formato que viam nas páginas das citadas revistas norte-americanas. Por volta de 1974, quando os primeiros skates passaram a ser vendidos no Brasil, como informa a articulista de skate Cecília Mãe²⁰, eles eram encontrados somente em *surf shops*, ou seja, em lojas de surf.

Em 1977, surge no Rio de Janeiro a *Esquete*, primeira revista de skate com distribuição nacional. Anunciada com periodicidade mensal e com tiragem de trinta mil exemplares, essa revista, que contava com trinta e cinco páginas em preto e branco, recheada com fotos, publicidades e matérias sobre skate, não conseguiu se estruturar no mercado editorial brasileiro, o que revela a fragilidade mercadológica do skate na época. No entanto, uma análise de sua primeira edição, que teve na figura de Waldemiro Barbosa da Silva seu principal diretor, pode revelar aspectos importantes para a compreensão do skate no período.

Embora com o nome de *Esquete*, numa tentativa de criar um neologismo em português para o termo norte-americano *skate*, essa publicação revela o quanto o desenvolvimento desta prática no Brasil baseou-se no que foi feito nos Estados Unidos. Uma das principais matérias da publicação chamava-se “124 manobras do skate”, uma tentativa de catalogar e explicar as manobras existentes até o momento. O skate em si já era uma novidade para a época, explicar as manobras existentes para quem quisesse

²⁰. Revista *Tribo Skate*, n. 50, 1999, p. 76.

iniciar-se nesta atividade era uma questão de divulgar o esporte, procurando na didática dos movimentos uma forma de conquistar novos adeptos. Segundo a revista, até o ano de 1977 haviam sido inventadas 130 manobras, sendo que ela iria ensinar a quase totalidade dos truques existentes, ou seja, 124.

Mas esses truques, conforme pode ser visto nesta publicação, tinham todos seus nomes em inglês: *Kick-turn*, *Nose-wheelie*, *Kneelie* etc. Nomes que ofereciam ao vocabulário vernáculo o uso do inglês como um código a ser apreendido e dominado entre os skatistas brasileiros. Até hoje, como pode ser observado nas atuais revistas específicas dessa atividade existentes no mercado, como a *Sk8*, a *Tribo* ou a *100%*, as manobras de skate, que há muito já passaram das 130 existentes no ano de 1977, continuam tendo seus nomes em inglês. O uso dessa língua, não somente para nomes de manobras, mas para batizar marcas de skate, jargões e gírias, estruturou-se como um código de comunicação entre os skatistas, o que revela a influência norte-americana na formação e direcionamento desses novos costumes que foram, desde pelo menos os anos finais de 1960, consolidando-se no Brasil.

Além do uso do inglês como referência aos movimentos e tendências do skate, um outro aspecto chama a atenção nesta revista, a divulgação, por várias páginas, de espaços na cidade do Rio de Janeiro propícios à prática do skate. Não se trata somente de pistas, pois elas eram raras em 1977, mas sim de lugares da cidade como ruas, monumentos e estacionamentos que podiam ser apropriados, pelos skatistas, como espaços. Conforme Michel de Certeau (1994) ensina, existe uma diferença entre espaço e lugar, pois aquele está para este assim como a palavra está para a língua, ou seja, o espaço é o lugar praticado, de modo que a rua geometricamente definida pelo urbanista é transformada em espaço por quem a usa e como a usa. Deste modo, ao sugerir lugares

para a prática do skate, a *Esquete* visava à construção de espaços ambientados pelo uso skatístico das manobras, evoluções e deslizamentos.

A revista chegava a descrever variados pontos da cidade que julgava ideal para que os skatistas desenvolvessem suas habilidades, como a Rua Cedro, localizada no final da Rua Marquês de São Vicente, na Gávea, que apresentava “uma inclinada ladeira que se tornou a meta daqueles que buscavam no skate a emoção da velocidade”, ou a Rua Miguel Pereira, localizada no sentido de quem vai de Humaitá para o Jardim Botânico, “com uma inclinação bastante suave, uma extensão enorme e uma largura de oito metros”. A publicação também citava nomes de mercados, como o Cobal, em Humaitá, que possuía duas excelentes áreas de estacionamento, sendo um dos pontos preferidos dos skatistas da zona sul carioca porque apresentava um piso de cimento bastante liso e sem rasuras. Mas talvez o mais curioso é a descrição de um monumento descoberto para uso do skate em 1974 por Flávio Badenes. Conhecido também como pirâmide, esse monumento encontra-se em frente da Avenida Rui Barbosa na curva entre Botafogo e Flamengo. Segundo informa a publicação, “o monumento é formado por duas partes, a alta e a baixa. Na parte de cima é ótima para o Estilo Livre e na parte baixa é onde se praticam os novos truques”.

De fato, o uso do skate despertava em seus praticantes uma nova e inusitada relação com a cidade, e as revistas de skate, como a *Esquete* e diversas outras que surgiram depois, como a *Brasil Skate* em 1978, ou a *Overall*, a *Skatin*, *Vital Skate* e a *Yeah!* – essas na década de 80 – incentivavam essa prática skatística dos espaços urbanos. Deste modo, esses jovens que faziam uso do skate, mais do que simplesmente transitar pela cidade, passavam a tomá-la como um local de interpretação, lendo-a das mais diversas formas. A idéia, aqui em questão, é a da cidade-texto, metáfora explorada

por Deusdeth Junior (2000) num artigo chamado “A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade”. De acordo com este historiador, a cidade também pode ser compreendida, questionada e interpretada como um texto. Como não se lê um texto de um só modo, a cidade também está sujeita a múltiplas idiossincrasias. Desta forma, a cidade pode apresentar variados discursos e se tornar um local propício à sinergia de criações. Para além de suas casas e funções objetivas, a cidade pode revelar elementos de subjetivação em suas enunciações arquitetônicas.

Deste modo, ao imaginar ou ao ler o espaço de uma forma diferente do usual, os skatistas passaram a projetar sobre seus elementos constitutivos outras funcionalidades que ultrapassavam seus sentidos primeiros, construídos pelos engenheiros, arquitetos e demais pensadores da cidade. Tal prática redefinia ou redesenhava, como explica o skatista Flávio Eduardo²¹, os sentidos originais projetados a esses espaços.

Na segunda metade dos anos 80, a revista *Yeah!* (junto a *Overall* e outras publicações do mesmo período), trabalhou no sentido de registrar, com textos e imagens, o skate vivido no momento; mas, por outro lado, ela também ajudou a fomentar esta prática, criando conceitos, projetando nomes e tendências. A *Yeah!* – nome do grito dado pelos skatistas quando uma manobra difícil é executada, semelhante ao gol no futebol – é uma das principais fontes sobre skate no período, sendo a análise de seu conteúdo material (escrito e imagético) de extrema importância para uma melhor compreensão do aparecimento do skate de rua (streetskate), sua relação com a cidade e com os fenômenos sociais a ele articulado, como é o caso da cultura punk.

²¹. Revista *100% Skate*, nº. 32, 2001, p. 102.

Surgida em março de 1986, essa revista logo se tornou uma referência para os skatistas da época, que passaram a colaborar através de cartas, depoimentos e na oferta de informações sobre o que acontecia com o skate nos mais diferentes Estados do país. Colorida, com a capa em papel couchê e apresentando seu conteúdo em papéis semelhantes aos utilizados na confecção de jornais, essa revista tinha sua sede editorial na Vila Mariana em São Paulo, sendo distribuída nacionalmente e de forma bimestral pela DINAP (Distribuidora Nacional e Publicações).

Sob direção de Thelma Barros e edição de Paulo de Oliveira Brito, ela contou com um número considerável de fotógrafos e articulistas, cobrindo diversos aspectos do que acontecia com o skate no período. Através da *Yeah!* é possível compreender a emergência do streetskate, sua relação com o punk e com as cidades. Logo em sua primeira edição, encontra-se uma tentativa de se definir o grupo dos skatistas, sendo possível identificar vários elementos discursivos que remetem a elementos do punk, principalmente na referência à anarquia e ao lugar alternativo que procuram ocupar na sociedade.

Eles (os skatistas) não se preocupam com a etiqueta social, nem com o sistema que tentam lhes impor. Criam uma anarquia urbana e circulam contra qualquer tipo de autoritarismo. São os filhos do futuro! Não se importam com comentários ou críticas, pois banalidades já estão cansados de ouvir. Eles pensam diferente do *Status Quo* e se comportam como tal²²

Essa opinião, não assinada e portanto pertencente à revista, procura retratar o comportamento dos skatistas de então; influenciando outros, todavia, a seguirem tal proposta de atitude: o “anarquismo” urbano, a indiferença à cultura dominante e as tradições da sociedade. Outro aspecto importante a ser notado era que a *Yeah!* mantinha, entre suas matérias constantes, a prática de entrevistas com músicos punk’s. Em sua

²². Revista *Yeah!* ano I, número 1, março de 1986, p. 23.

segunda edição, a banda Garotos Podres foi entrevistada e também a letra da música “quero ser punk”, dos Replicantes, reproduzida em suas páginas. Numa coluna intitulada “Fale com o Dr.”, a revista chegou a divulgar o nome de 100 bandas punk’s norte-americanas, como *Bad Religion*, *Black Flag*, *Abandoned*, entre outras. Nesse mesmo espaço da revista, é possível ler depoimentos de skatistas dizendo: “Eu quero que se dane o mundo, eu quero mais é andar de skate”²³.

Todo esse espírito de contestação, irreverência e rebeldia (contra tudo e todos!) que vinha com a cultura punk importada de países da Europa, principalmente da Inglaterra - mas também dos Estados Unidos - dava o tom e o ritmo da prática do skate nos anos 80. Possivelmente, o entrelace entre ambas as culturas deu forças e coragem para que os skatistas deixassem de se aventurar somente por locais como ruas, ladeiras ou praças e passassem, numa apropriação que carrega um bom tom de transgressão, a utilizar outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos. O que se procura colocar, portanto, é que existe uma semelhança entre a atitude do skatista de deambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento punk em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações sobre os espaços urbanos, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento, pois ambos enxergavam a realidade como algo possível de ser questionado, negado e refeito a sua própria vontade.

De acordo com um leitor da *Yeah!*, Sérgio Borin Del Vale, de Atibaia/SP, a analogia entre o skate e o punk está no modo como os skatistas representam e se apropriam da cidade.

O skate apareceu como um desafio à paisagem urbana e hoje (maio de 1986) se estendeu por todos os cantos do país. Acho o skate o esporte mais punk, pois andar

²³. Idem. p. 13.

de skate é uma anarquia saudável. Você se sente dono da cidade. Cria em cima daquilo que já foi criado. Enfim, inverte tudo o que está parado²⁴.

A cultura punk não começou no Brasil mas acabou sendo incorporada por diversos jovens que encontraram nela uma forma alternativa de se posicionar frente à vida. O fato é, entretanto, que o punk se colocou como mais um elemento identitário da cultura do skate, sendo absorvido por diversos praticantes dessa modalidade durante os anos de 1980.

A revista *Yeah!* fazia questão de evidenciar esses novos usos da cidade que os skatistas passaram a promover com muito mais intensidade nos anos 80 do que na década anterior. Em sua segunda edição, uma de suas matérias principais, intitulada “Pontos Indeterminados”, apresentava dez fotografias que registravam skatistas em ação nos lugares mais inusitados da cidade: paredes, bordas de muro, bancos e transições. Pontuando a matéria, frases como “Skate em qualquer lugar, a qualquer hora”, “Ir à procura de locais skatáveis é uma missão arriscada. Encontrar pontos indeterminados é descobrir uma nova aventura a cada local encontrado” e, por fim, “aproveitar o espaço é antes de tudo uma questão de criatividade”, procuravam expressar tanto o desafio quanto a ludicidade que acompanhavam os skatistas em suas incursões pelos espaços urbanos. Mais uma vez, é necessário chamar a atenção para o que se está aqui apontando: que a atmosfera do espírito punk, expressa pelas atitudes de independência, transgressão e rebeldia, fez parte, de modo talvez inconsciente, das formas de apropriação do espaço urbano que se evidenciaram na segunda metade da década de 1980 com o desenvolvimento do streetskate.

O cotidiano da prática do skate era embalado por músicas de punk-rock, as revistas existentes no mercado traziam entrevistas, letras de música e comentários sobre

²⁴. Revista *Yeah!* ano 1, n.2, maio de 1986, p. 10.

discos desse gênero musical; e as roupas, carregavam símbolos que remetiam a uma estética punk. Desta forma, skatistas que gostavam de ouvir bandas desse gênero musical podiam encontrar um elo entre esta música e as novas manobras de skate que passaram a se desenvolver e “invadir” cada vez mais o espaço urbano.

O tom frenético e a atmosfera de caos que muitas das bandas de punk-rock assumiam nos *riffs* de guitarra, nos ritmos da bateria ou na velocidade do contra-baixo provocavam uma sensação de agito e movimento corporal que incitava à prática do skate. Como afirma Janice Caiafa (1985), antropóloga que na década de 1980 realizou uma série de trabalhos de campo com skatistas, “é muito som, sem parar, as pessoas em volta ouvindo e vendo as manobras [...] e já nem é mais rock, é punk-rock [...], cada vez mais veloz no som e na intensidade” (CAIAFA, 1985, p. 75).

Não que todos os skatistas fossem punk’s, não se trata disso, mas sim que, de modo consciente ou não, houve uma influência da atitude transgressora do punk na forma como os skatistas passaram a se apropriar da cidade. O texto abaixo, retirado da segunda edição da revista *Overall* ajuda demonstrar essa relação.

Não Acorde a Cidade – Streetskate

Eu quero mais é asfalto e concreto, para pegar meu skate e sair por aí, gastando minhas rodas, descendo e subindo ladeiras puxado por ônibus, *dropar* muros, horrorizar o trânsito, achar transições para uma boa diversão, entrar na contra-mão, subir guias, etc. Por quê? Porque nós amamos isto, vivemos disto!!! Imagine a infinidade de coisas que uma cidade pode ter em suas ruas: postes, carros, guias, *shits*, bêbados, *bicths*, transições, buracos, valas, velhas e muito asfalto. E o que isso significa? Obstáculos? Talvez sim para aqueles que não possuem a ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados. Mas, para outros, todos esses “obstáculos” se transformam num verdadeiro campo de batalha, em que o objetivo é demonstrar o domínio sobre a arma de ataque: o skate. E o *ground* de ação – as ruas!²⁵

²⁵. Revista *Overall*, ano 1, número 2, 1985, p. 16.

A *Overall* começou a ser publicada em 1985 sob direção de Paulo Anis Lima, atualmente editor da revista *Trip*. Colorida, toda em papel couchê, também com distribuição nacional pela DINAP e sediada em São Paulo, ela trazia como destaque em sua segunda edição o streetskate. Com o irônico título de “Não acorde a cidade”, a matéria procurava expressar o modo como os skatistas enxergavam e se relacionavam com os espaços urbanos. Frases como “horrorizar o trânsito”, ou ainda, ter a “ousadia de encarar ruas desconhecidas e terrenos inexplorados”, indicam algo de transgressor, rebelde, atitudes idênticas às encontradas na cultura punk, seja na forma de música ou movimento social. Importante dizer que esta revista, assim como a *Yeah!*, também trazia seções com comentários sobre a discografia desse gênero musical. “Punk’s not dead” era o nome da seção que, nesta edição, comentava os discos de músicos punk’s. Os LP’s tinham títulos sugestivos: “Grito do suburbano”, “O começo do fim do mundo”, “Crucificados pelo sistema”, “Tente mudar o amanhã”, “Brigadas de ódio”, “Mais podres do que nunca” e “Ataque sonoro”. Desta forma, ao ler tais publicações, escutar as músicas, informar-se sobre as resenhas dos LP’s e ir aos shows de punk-rock, muitos skatistas ficavam cada vez mais familiarizados com as formas de pensar e agir que vinham dessa formação cultural. Tal influência, contudo, era praticada na rua. Enxergá-la como um “campo de batalha”, como expresso na citação acima, indica bem a guerra da qual a rua era palco: guerra simbólica, busca por espaços e territorializações.

Um episódio significativo dessas aventuras do skate pelos espaços urbanos foi sua proibição no ano de 1988 pelo então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros. Esta medida, tida pelos skatistas “como a maior repressão e abuso de poder já vistas contra o skate” (BOLOTA, 2001, p. 38), foi noticiada pela revista *Overall*, de junho de 1988, pela manchete “skate não é crime”. Primeiramente, Jânio Quadros proibiu o skate no

parque do Ibirapuera, um local onde há anos vinha sendo praticado. Não satisfeito, decidiu também proibi-lo por toda a cidade de São Paulo. As cartas dos leitores que chegavam às revistas de skate existentes no período atestam o desagrado provocado pela medida: “Venho criticar Jânio Quadros pelo que fez com os skatistas em São Paulo, proibindo o skate nas ruas [...] pois estou descontente com a repressão das autoridades para com os skatistas”²⁶.

Apesar de Luiza Erundina, sucessora de Jânio Quadros em 1989 na prefeitura de São Paulo, ter legalizado a prática do streetskate, ainda hoje é possível encontrar cidades onde essa prática é proibida por lei, como é o caso de Blumenau, no Estado de Santa Catarina²⁷. A proibição do skate como prática urbana, tal como ocorrida em São Paulo, incita questões sobre o direito à cidade e os modos de apropriação desta pelo streetskate. Em uma reportagem intitulada “Dèja Vu ou Jânio Quadros está de volta?”, a revista *Tribo Skate* relembra esse episódio da história do skate e comenta outro ocorrido em 1998 no município de Itu, interior de São Paulo.

Parece que o espírito do falecido Jânio Quadros foi ressuscitado em Itu, interior de São Paulo. Enquanto prefeito de SP em 1988 Jânio Quadros proibiu o skate na maior cidade do país, numa época que o esporte estava bombando forte também. [...] Dez anos depois, a mesma repressão vem acontecendo em Itu, 130 km da capital. Os vários skatistas da cidade vêm tomando multa andando de skate na rua e tendo seus skates apreendidos! Felizmente, os skatistas que realmente gostam de andar e não abrem mão das *sessions* na cidade, correram atrás do prejuízo e estão conseguindo apoio para sua ação.²⁸

Ao disputarem espaços da rua com transeuntes, automóveis e bicicletas; ao andarem em praças, corrimãos, estacionamentos e, enfim, ao transformarem locais da cidade em terrenos radicais, os skatistas, especialmente os adeptos do streetskate, passaram a ser alvos do poder público. De acordo com Ana Fani Alessandri Carlos, “a

²⁶. Revista *Overall*, n.10, 1988, p. 68.

²⁷. Guia de Pistas *100% Skate*, 2006, p. 170.

²⁸. Revista *Tribo Skate*, n. 36, 1998.

rua também é o lugar privilegiado da repressão imposta de forma clara ou sub-reptícia em função das estratégias do Estado” (CARLOS, 2004, p. 96). A proibição do skate em São Paulo no ano de 1988, a de Itu em 1998 ou a vigente em Blumenau/SC, são exemplos que demonstram os conflitos causados por essa prática urbana. Tais conflitos ocorreram (e ainda ocorrem), muitas vezes, por ser a cidade pensada, sistematicamente, como o espaço da ordem. Segunda a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (PESAVENTO, 2004, p. 167) é possível observar que:

A cidade personifica a lei, a regra, o Estado, a vontade geral, a esfera do público, a submissão do indivíduo diante do poder que representa, simbolicamente, o interesse coletivo. A vida em comum impõe suas regras e a transgressão deve ser punida de forma exemplar para ter o efeito do acatamento à ordem.

Andar de skate em vias públicas era e ainda é algo transgressor para a vida organizada da cidade. Não são poucos os depoimentos, as cartas, as informações disponíveis em revistas de skate que dão testemunho disso. A carta abaixo, escrita por Marco Aurélio Tavares, de Rondônia, e publicada na revista *Skatin* em fevereiro de 1990, ajuda a perceber a discriminação contra o praticante de skate de rua.

[...] Ao andarmos de street as pessoas nos discriminam, nos tratam como vadios e até já nos chamaram de trombadinhas. Já cansei de ver amigos meus apanhando da polícia nas portas das lojas. É sempre o mesmo sermão: “Isto é coisa para vagabundo que não tem o que fazer”, “Meu filho, Deus me livre que eu o veja nessa coisa...” Ao contrário do que eles pensam, skate é um esporte sadio e muitos amigos meus, que trabalham para sustentar a família, também praticam²⁹.

Como se observa, a dificuldade em praticar o streetskate é real, pois essa atividade, de acordo com Marco Aurélio Tavares, passou a ser censurada por policiais e demais moradores da cidade. De acordo com a carta acima, conclui-se que a discriminação da prática do skate é acompanhada pela desqualificação do skatista. Um outro depoimento, publicado um ano antes, em 1989, também reclama da repressão

²⁹. Revista *Skatin*. n. 10, 1990, p. 12.

contra o skate. O autor deste chama-se Fábio Marcelo Rodrigues e escreve de Leme, cidade do interior paulista.

Há algum tempo a policia e o juizado de menores estão dando em cima dos skatistas, por isso muitos skatistas pararam de andar. Moçada, vamos arrepiar nas ruas, senão o skate em Leme vai acabar! Vamos fazer a adrenalina comer na veia como antigamente!³⁰

Para muitos skatistas, como se percebe, a vigilância e o controle, somados às surras que levavam de policiais, eram motivos suficientes para se desligarem da prática do skate. Mas onde há poder há resistência, e outros skatistas, ao invés de desistirem dessa prática, como é o caso de Fábio Marcelo Rodrigues, incitava seus companheiros a não pararem de andar de skate e, como ele mesmo diz, a “arrepiar nas ruas”.

CONCLUSÃO

Se de um lado é possível enxergar práticas de apropriação dos espaços urbanos pelas manobras do skate, detectar influências da cultura punk e desejos por transgressão, de outro lado existe a cidade enquanto um organismo funcional, que detecta, seleciona e analisa seus componentes urbanos. Os skatistas, sujeitos indesejáveis quando o assunto é manter a ordem e a disciplina, foram muitas vezes classificados como arruaceiros, agitadores ou baderneiros. A prática desses sujeitos, ao criarem seus territórios, que inventam e reiventam o espaço urbano a partir da elaboração ou reelaboração dos valores adquiridos em suas experiências, constitui-se em algo contrário ao pensamento ordenador da vida urbana.

Embora as autoridades públicas, prefeitos, governadores, vereadores etc., tenham se articulado para fabricar lugares artificiais para a prática do skate, as famosas “pistas de skate”, construindo espaços que simulam aqueles mais procurados pelos

³⁰. Revista *Skatin*, n. 7, 1989, p. 14.

skatistas na cidade, os adeptos do streetskate, como também nota Paulo Carrano, “desafiam as proibições e combinam a utilização das pistas com a manutenção da prática nas ruas das cidades, numa recusa em aceitar integralmente a realidade da cidade artificial das pistas” (Carrano 2002: 124).

A proibição do skate, como experimentada em São Paulo, tornou-se impraticável. A construção de pistas de streetskate, com obstáculos que imitam a cidade, foi a única solução encontrada pelas prefeituras para apaziguar a situação e ainda garantir os impostos cobrados sobre a crescente indústria do skate brasileiro. Atualmente, segundo informa o Guia de Pistas da revista *100% Skate*, já passam de mil o número de pistas de skate construídas em todo território nacional, sendo que a maioria dessa obras é pública, ou seja, construída através de recursos da prefeitura ou do Estado.

Embora haja no Brasil algumas pistas de skate que datem do período anterior ao desenvolvimento do *streetskate* (ocorrido por volta da metade da década de 1980), como a de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, a primeira do Brasil, de 1976, ou a pista do Clube 12 de Agosto, em Jurerê, Florianópolis, construída por volta do ano de 1977, elas são poucas e raras. Além disso, foram construídas para atender outras modalidades do skate, como aquele praticado em transições. As pistas³¹ de *street*, que apresentam obstáculos que simulam os relevos e aparelhos urbanos (escadas, bancos, corrimãos) encontrados nos logradouros públicos, somente vieram a ser construídas a partir da necessidade, percebida pelos órgãos públicos, de delimitar e disciplinarizar a prática do skate de rua.

A cidade, pensada pelos skatistas como um paraíso de infindáveis possibilidades de lazer e diversão, acabou não sendo transformada somente pelo olhar transfigurativo

³¹. *Guia de Pistas 100%Skate*, n. 2, maio de 2006.

do skatista, que lhe emprestou novos sentidos e funções, mas ela mesma acabou se modificando para disciplinar os filhos “rebeldes” que seu processo de urbanização ajudou a criar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D' Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BEN, Davidson. *The skateboard book*. New York: Grosset & Dunlap, 1976.
- BODY-GENROT, Sophie. Uma vida privada francesa segundo o modelo americano. In PROST, A.; VINCENT, G. (orgs.). *História da Vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BOLOTA, Fábio. Anos 80. In BRITTO, E. (org.). *A Onda é Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRANDÃO, Leonardo. *Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.
- BROOKE, Michel. *The concrete wave: the history of skateboarding*. EUA: Warwick House Publishing, 1999.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CANTORANI, J. R. H. ; PILATTI, L. A. O nicho dos esportes radicais: um processo de civilização ou descivilização? In: *VI Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Educação e Cultura*. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP: p. 264 – 272, 2001.
- DE DECCA, E. Fazendo história. In *Coletânea do V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Maceió : UFAL, 1997.
- FILHO, C. A. D. C. Anos 70. In: BRITTO, Eduardo (org.). *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa., 2000.

GEBARA, A. ; HONORATO, T... Esportes Radicais e Tecnologização. In: *3º Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física da Unimep*, 2004.

JUNIOR, Deusdedith. A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade. *Revista Universitas – Revista do Centro Universitário de Brasília (UNICEUB)*, n.1, vol. 1, 2001.

NETO, Alfredo Feres. Produção de subjetividade, subjetivação e objetivação: algumas contribuições de Félix Guattari e Pierre Lévy para a Educação Física. *Motrivivência*. Florianópolis: UFSC, Ano XII, nº 17, 2001.

_____. *A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas*. Tese (doutorado em educação). Universidade Estadual de Campinas, 2001.

NOLL, Rhyn. *Skateboard retrospective*. EUA: Schiffer Book, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A vitória de Antígona sob o signo de Babel, a cidade brasileira dessacralizada. In. PESAVENTO, S. J. (org.). *Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural*. Bauru/SP: EDUSC, 2004.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org^a). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Editora Estação Liberdade: p. 115 – 120, 1995.

RUSS, Howell. *Skateboard: techniques, safety, maintenance*. Sydney: Ure Smith, 1975.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. *Motrivivência*. Florianópolis: UFSC, Ano XI, nº 15, 2000.

UVINHA, Ricardo Ricci. *Juventude, lazer e esportes radicais*. São Paulo: Manole, 2001.